

LEITURA: SUPORTE PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Antonio Marcos de Moura¹; Elias José da Cruz¹; Oliveira Lima de Melo¹, Rosieli Alves Chiaratto².

1. Discentes do curso de pós graduação Latu Sensu em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA).
2. Mestre em Saúde Coletiva, Doutora em Odontologia Preventiva e Social, Docente e Coordenadora do Serviço Didático Pedagógico de Apoio (SEDA) da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA).

RESUMO

Este trabalho procura demonstrar a importância da aprendizagem da leitura no processo de produção de textos. Evidencia os fatores que promovem o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como os fatores que levam um aluno a escrever um texto coeso e coerente que explicita suas idéias e opiniões de forma clara e objetiva.

Palavras-chaves: Leitura. Escrita. Suporte da prática discursiva.

ABSTRACT

This work looks for to demonstrate the importance of the learning of the reading in the process of production of texts. It evidences the factors that promote the development of the taste for the reading, as well as the factors that take a pupil to write a text coeso and coherent that explicit its ideas and opinions of clear and objective form.

Keywords: Reading. Writing. Support of discursive practice

INTRODUÇÃO

Ler é uma das mais antigas tecnologias desenvolvidas pelo homem, no entanto, mesmo com o advento da modernidade e seus recursos tecnológicos

avançados, formar leitores capazes de se expressarem com clareza, tanto na linguagem oral como escrita ainda é um desafio para a escola.

Sabe-se que ler é imprescindível!

A leitura é necessária para a formação do

Artigo/Article

cidadão, uma vez que vivemos em um mundo dominado pelo código escrito, o qual requer indivíduos preparados para atuar com habilidade diante da competição exigida pelo meio social (ZILBERMAN, p. 112).

Leitura e escrita devem caminhar juntas, pois é através da leitura que o indivíduo poderá adquirir conhecimento lingüístico/ortográfico, além da argumentação necessária para escrever um texto coeso e coerente.

A escola é um lugar onde transitam vários conhecimentos e onde vários indivíduos em processo de formação intelectual se encontram para aperfeiçoarem seus conhecimentos, adquirem novos conhecimentos e também transmitem experiências já vividas pela sociedade para outros indivíduos. Portanto para que haja o processo de formação científica dos indivíduos, a leitura é imprescindível.

O profissional de uma escola que adota uma pedagogia da construção do conhecimento, ou seja, o educador sabe que formação intelectual e leitura são inseparáveis e, portanto reconhece que a leitura do mundo possibilita ao leitor a interação entre o científico e a realidade, possibilita a superação da alienação sobre

o mundo e o impulsiona a transformá-lo (FREIRE, 1985, p. 30).

É importante lembrar que os textos escritos fazem parte da vida de quase toda a totalidade dos seres humanos, até mesmo de muitos que nunca foram à escola, basta tomar como exemplo os nomes gravados em suas vestes que muitas vezes os donos das vestes nem sabem os significados daquelas palavras.

FREIRE (1989, p. 20) diz que “compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura critica implica a percepção das relações entre o texto a ser alcançada por sua leitura critica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. O autor nos mostra que texto lido sem relação com o contexto onde o leitor está inserido, não faz com que o leitor alcance uma interpretação critica, ou seja, o leitor não compreende a relação do escrito com sua realidade e não consegue superar sua alienação sobre o que está ao seu redor (o mundo).

Já vimos anteriormente que a leitura do mundo possibilita ao leitor uma compreensão de sua realidade e o estima a transformá-lo e que a decodificação de símbolos, não possibilita ao leitor avançarem uma criticidade, assim, podemos afirmar que uma escola

Artigo/Article

comprometida com a construção de conhecimentos e que trabalha uma pedagogia que visa a “liberação” do educando do estágio de alienação, precisa ser responsável em orientar o cidadão a ser leitor de sua realidade. Se por ventura esta escola não atinja este objetivo, (libertar o educando para a vida sem alienação) deforma a capacidade de interpretação e compreensão de mundo do estudante, causando um imenso prejuízo intelectual ao aluno e conservando o mesmo na alienação sobre sua realidade.

De acordo com LIBÂNEO (2001, p. 113) a escola é lugar de aprender conhecimentos, desenvolver capacidades intelectuais, sociais, éticas, e também é lugar de formação de competências para a participação na vida social, econômica e cultural.

Aprendemos nessa citação que sem a escola, o ser humano fica praticamente vetado de participar ativamente do processo de evolução histórico, econômico, político, ético e cultural da sociedade onde ele e ela pertencem. Porém é preciso salientar que se este ser humano passar pela escola e não for preparado, embasado, munido, orientado, instruídos de conhecimentos

científicos a respeito de sua realidade sócio econômica, cultural, política, histórica, cidadã, afetiva e psicológica, fica extremamente difícil uma ação de mudança da realidade vinda deste indivíduo. O mais provável é que este simplesmente seja mais um que produza a cultura, a história, e a “ética” da política vigente, enterrando sua capacidade de criar um novo contexto histórico, de intervir e interferir no sistema político de economia capitalista ao qual está sendo regido e buscar melhores condições de vida pessoal, intelectual, profissional, afetiva, ética, econômica, psicológica e cultural.

Em uma sociedade que é comandada economicamente por um sistema neoliberal, se faz necessário que pelo menos os indivíduos que estão inseridos na escola, despertem o “ser político” que cada um é; já é tempo de mais do que lê esta realidade mundial, participar dela ativamente. DEMO (2001, p. 17) nos fala: “ser político é aquele que tem consciência histórica. Sabe dos problemas e busca soluções. Não aceita ser objeto. Quer comandar seu próprio destino”. O autor mostra que se deve ter consciência do processo histórico no qual se vive, buscando soluções para impasses, não acomodando diante dos

Artigo/Article

problemas que surgem e acreditar que a solução para derrubar as barreiras pode surgir da própria inquietação em comandarmos nossos próprios destinos.

A importância da leitura na escola

A leitura está presente em todas as áreas do conhecimento, por isso é essencial à própria vida do ser humano, porque é através dela que o mesmo resgata sua história, cultura, descobre e redescobre o mundo em que vive.

A escola é a responsável por proporcionar um contato prazeroso entre aluno e livro desde as séries iniciais porque a leitura irá fazer parte da sua vida tanto na escola como fora dela. No entanto percebe-se que a escola não aproveita o momento da descoberta da linguagem escrita quando o aluno mostra-se aberto, curioso, interessado em conhecer o mundo fantástico contado nos livros. A metodologia dogmática sobrepõe-se ao incentivo pelo ato de ler. Há um distanciamento provocado pela própria escola que procura dissecar o texto apenas pela estrutura, desprezando muitas vezes o significado e a essência do texto. Como se um texto fosse escrito para ser analisado e não para ser lido. E

que cada leitor ao lê-lo vai construindo e reconstruindo significados.

LAJOLO (1994, p. 50) afirma que:

As atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz.

É importante que a escola proporcione o desenvolvimento do gosto pela leitura, oferecendo ao aluno diversos tipos de textos tanto informativos, literários, científicos, jornalísticos, publicitários, histórias em quadrinhos, *charges*, crônicas, contos, poesias, músicas, trabalhando com essa diversidade. O aluno leitor irá ampliar seus conhecimentos, entrar em contato com novas formas lingüísticas enriquecendo seu vocabulário, descobrindo novos mundos, pois quem aprende o prazer de ler, ultrapassará o muro-escola e transitará entre mundos tão diversos, tornando-se crítico sobre o mundo em que vive podendo nele inferir ou interferir, criar e recriar tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. A leitura é instrumento para

Artigo/Article

escrita e é através dela que o indivíduo se capacitará para o ato de escrever. Escrever, argumentando, defendendo suas crenças, opiniões e seus próprios interesses. Do mesmo modo a escrita tem como objetivo a leitura, quem escreve, escreve para um possível leitor.

“... lê-se para entender o mundo, para viver melhor... quanto mais abrangente a concepção de mundo e da vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola...” (LAJOLO, 1994, p.07).

Para escrever sobre um determinado assunto é extremamente necessário que haja um conhecimento prévio porque é impossível escrever sobre assuntos desconhecidos, não é possível argumentar sobre o que não se sabe. E a leitura é a sustentação do conhecer. “É um conhecer para gostar. É um conhecer para agir.” (MAGNANI, p. 92).

Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem oral e escrita, favorecendo o usuário da língua e expressar com clareza a mensagem que deseja transmitir.

Ao debruçar-se sobre um texto o leitor estabelece um dialogismo com o que está lendo, há uma interação do seu

conhecimento de mundo com o saber literário. A partir desse processo haverá estímulos para a criação e reprodução do texto constituindo-se dessa forma uma ampliação e não uma repetição. O texto – estímulo não é modelo de partida para a produção de outros textos. Como Zilberman nos esclarece que “... por intermédio do texto lido, o aluno é estimulado a criar...” (ZILBERMAN, 1991, p.80).

Infelizmente, a escola ainda valoriza a forma em detrimento ao conteúdo do texto, prioriza a decodificação e uma leitura superficial que não promove a compreensão e uma possível reflexão aliada ao gosto, do prazer e a criação de novos textos.

Quando se analisa a literatura sobre aprendizagem da língua escrita, encontramos, basicamente, dois tipos de trabalhos: os dedicados a difundir tal ou qual metodologia como sendo a solução para todos os problemas, e os trabalhos dedicados a estabelecer a lista das capacidades ou aptidões necessárias envolvidas nessa aprendizagem. (ZILBERMAN, 1991)

Ao considerarmos a literatura psicológica dedicada a estabelecer a lista das aptidões ou das habilidades necessárias para aprender a ler e a

Artigo/Article

escrever, vemos aparecer, continuamente, as mesmas variáveis: lateralização espacial, discriminação visual, discriminação auditiva, coordenação viso-motora, boa articulação, dentre outros. Dos trabalhos que tentam sintetizar essas investigações parciais, surge uma visão bastante curiosa, a de que todos esses fatores se relacionam positivamente com uma boa aprendizagem de língua escrita. Dizendo em termos banais: se uma criança está bem lateralizada, se seu equilíbrio emocional é adequado, se ela tem uma boa discriminação visual e auditiva, se seu quociente intelectual é normal, se sua articulação é também adequada, então, também é provável que aprenda ler e a escrever sem dificuldades. Em suma: se tudo vai bem, também a aprendizagem da leitura e escrita vai bem.

O mínimo que se pode dizer é que isso é insatisfatório. Com efeito, por um lado, sabe-se bem que não há que se confundir uma correlação positiva com uma relação causal, por outro lado, surge inevitavelmente a pergunta do que é que há de especialmente ligado à leitura e a escrita nessa extensa lista de fatores. Ainda que a aprendizagem da língua seja um problema complexo.

PIAGET (1975) *apud* (FERREIRO;TEBEROSKY,1999) deve-se procurar o próprio sujeito cognoscente, o sujeito que busca adquirir conhecimento, o sujeito que Piaget ensinou a descobrir, que é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. “É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetivos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo”. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.29).

Na teoria de Piaget, então, um mesmo estímulo (ou objeto) não é o mesmo, a menos que os esquemas assimiladores à disposição também o sejam. Isto equivale a colocar o sujeito da aprendizagem no centro do processo, e não aquele que, supostamente, conduz essa aprendizagem. Esse fato obriga – felizmente – a estabelecer uma clara distinção entre os passos que um método propõe o que efetivamente ocorre “na cabeça” do sujeito. Dizemos felizmente, já que a confusão entre métodos e

Artigo/Article

processos leva, necessariamente, a uma conclusão que nos parece inaceitável: os êxitos na aprendizagem são atribuídos ao método e não ao sujeito que aprende. Inaceitáveis, porque, tomando de um exemplo histórico, resulta evidente a falácia da argumentação: o fato de que durante décadas os homens tenham aprendido, na escola, a calcular utilizando lápis e papel, memorizando os resultados de um cálculo, não pode ser usado como prova de que se chega a uma noção de “quantidade numérica”, com a qual se pode operar, dessa maneira.

Atualmente, graças, aos trabalhos de Piaget e de sua equipe que os processos que conduzem às noções matemáticas elementares não passam pela memorização e nem por atividades mecânicas de produção. Se os homens conseguiram forjar, durante gerações, noções numéricas corretas, certamente não foi graças a esses métodos, e sim apesar deles. Isso foi possível porque, felizmente, nenhuma criança espera receber as instruções de um adulto para começar a classificar, para ordenar os objetos de seu mundo cotidiano.

Este exemplo do cálculo elementar conduz a outro ponto muito importante até há pouco tempo, o primeiro ano escolar primário era

concebido como um ano “instrumental”; ali, a criança deveria adquirir os instrumentos que lhe serviriam para mais tarde adquirir outros conhecimentos. Em si mesmos esses “instrumentos” (cálculo elementar, leitura e escrita) não são conhecimento, mas sim, precisamente, instrumentos para obter outros conhecimentos.

Ora, hoje em dia, sabemos que, no se refere a cálculo elementar, tal posição é insustentável: adquirindo as noções numéricas elementares, a criança constrói seu pensamento lógico, isto é, adquire um conhecimento do mais alto poder de generalização. Os trabalhos de Piaget sobre a aquisição das noções numéricas elementares destroem nas suas próprias bases a concepção da “matemática da primeira série” como a aquisição de uma mecânica não-acionada.

Pergunta-se: não acontecerá o mesmo com a leitura e escrita? Até que ponto é sustentável a idéia de que se tem de passar pelos rituais de “ma-me-mi-mo-mu” para aprender a ler? Qual a justificativa para se começar pelo cálculo mecânico das correspondências fonema/grafema para então se proceder, e somente então, a uma compreensão do texto escrito? É justificável essa concepção da iniciação da leitura e

Artigo/Article

escrita, concebida como uma iniciação às cegas à transcrição dos grafemas em fonemas?

Nas duas disciplinas nas quais o destino escolar da criança de primeira série vai ser decidido, muitos são os docentes que vêm-se obrigados a uma prática pedagógica dissociadora: são piagetianos na hora da matemática; são associacionistas na hora da leitura. Esta dissociação é insustentável na prática, não somente por razões de coerência pedagógica, senão por que estão sendo sustentadas, simultaneamente, duas diferentes concepções da própria criança, “concebida como criadora, ativa e inteligente na hora da matemática, e como passiva, receptadora e ignorante na seguinte” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.29)

A teoria de Piaget nos permite introduzir a escrita enquanto objeto de conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, enquanto sujeito cognoscente.

A concepção da aprendizagem, entendida como um processo de obtenção de conhecimento inerente à psicologia genética supõe, necessariamente, que existam processos de aprendizagem do sujeito que não dependem dos métodos. O método pode ajudar ou frear, facilitar

ou dificultar; porém, não pode criar aprendizagem. A obtenção de conhecimentos é um resultado da própria atividade do sujeito.

Leitura: suporte para a prática discursiva

Alguns teóricos argumentam sobre a importância do papel da escola no processo da leitura como suporte para a prática discursiva do aluno.

A formação do leitor, na escola, tem duas facetas: uma delas é o desenvolvimento sistemático e progressivo das habilidades de leitura como a compreensão, interpretação, inferência e desenvolvimento do senso crítico, a segunda faceta é o incentivo à leitura como prazer e lazer. É claro que a escola precisa aproveitar essas duas facetas para formar além de leitores, também escritores, pois ninguém aprende a escrever apenas lendo, é preciso ler para se ter

argumentos discursivos e lingüísticos, mas para aprender escrever é preciso exercício, escrever, reescrever. Nesse processo o professor precisa conduzir orientar para que a leitura e a escrita não sejam atividades dissociadas, mas que

Artigo/Article

caminhem juntas, já que uma servirá de apoio à outra, CAGLIARI (1989, p.149) afirma:

A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escrever escreve para ser lido... o mundo da escrita é complicado e caótico no seu aspecto gráfico, quando mais se juntarmos a isso o mundo dos significados carregados pela escrita. A leitura vai operar justamente nesse universo. Às vezes ler é um processo de descoberta.

Enfatizando a leitura na escola como uma forma de prazer e de aprender, o professor estará promovendo o domínio da linguagem contribuindo para que o aluno tenha uma participação efetiva no meio social, pois lendo, escrevendo e sabendo escolher as palavras adequadas a cada tipo de discurso, irá argumentar de forma clara e segura, exercitando a cidadania.

Segundo SILVA, (2002, p.12):

A leitura (isto é, instrumento necessário à compreensão do material escrito) também pode ser vista como fonte possível de conhecimentos. E se a experiência cultural for tomada como um comprometimento do indivíduo com a existência, verifica-se a importância que a leitura exerce na vida do indivíduo.

Ler é uma atividade imprescindível, que precisa ser conduzida, projetada e organizada pela instituição escolar, pois a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. CAGLIARI (1989, p.148) afirma que “se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa”.

A leitura possibilita ao indivíduo a oportunidade do letramento que por meio deste torna-se capaz de auto capacitar-se buscando o conhecimento, organizando-se e posicionando-se criticamente, não aceitando idéias prontas sem antes discuti-las, já que constrói e reconstrói o saber, podendo nele interferir e transformar, usando a leitura do mundo e vice-versa. A escola precisa utilizar uma pedagogia que aproveite este componente ampliador da leitura, para que esta faça sentido não apenas nas atividades escolares, mas também na vida social do cidadão constituído.

Neste sentido, LAJOLO (1994, p.15) afirma que “ou texto dá um sentido ao mundo ou ele tem sentido nenhum”. Aproveitar as vantagens oferecidas pelo exercício significativo da leitura é tarefa da escola que precisa utilizar uma metodologia que valorize a essência dos

Artigo/Article

textos e vise a transformação do leitor. Partindo-se desse pressuposto, SILVA (1995, p.115) afirma que:

Uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade (...) mas do que isso, uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelos textos num sistema comunicacional, social e político.

A linguagem escrita, segundo COULMAS apud TEBEROSKY (1992, p.95) é a maior invenção manual-intelectual criada pelo homem, portanto é necessário aproveitarmos essa invenção para melhorarmos o processo de aquisição de conhecimentos e, se a escola é a instituição responsável pela formação intelectual e política do indivíduo então que lance mão de um dos principais instrumentos para aquisição de conhecimentos: a leitura contextualizada e orientada com metodologias envolventes, que aproximam o aluno do livro e não o afaste através de exercícios estruturais, extrínsecos à aprendizagem da leitura. "... tanto a escrita como a leitura são "ativas" e não passivo-receptivas(...) a leitura, como escrita, faz

parte das ações". (TEBEROSKY, 1992, p.140) afirma:

Ao ler uma historia criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... pode-se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que pode mudar de opinião.

Escrever sobre as vantagens que a leitura proporciona parece fácil diante do grande número de autores que escrevem sobre a leitura e de como ela é importante para que a nossa clientela escolar tenha sucesso de letramento. No entanto apesar da diversidade de autores que classificam a leitura como verdadeira ponte de acesso ao saber são muitas as dificuldades encontradas pelos alunos dentro da própria escola.

Em vista disto é que educadores devem estar em constante formação, se auto-avaliando e refletindo sobre sua prática. Sendo assim, nada mais frutífero para um educador que quer se aperfeiçoar, do que ler. Ler para ensinar a ler, e ler para ensinar a escrever. Um educador que não lê não pode formar leitores. Não pode oportunizar domínio da linguagem oral, nem da escrita exigida pela gramática normativa. Portanto, o

Artigo/Article

sucesso do aluno não depende apenas dele tornar-se um leitor, mas também dos mecanismos utilizados pelo professor, que poderá oferecer-lhe as ferramentas necessárias à construção e reconstrução do conhecimento.

“A leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários da Educação Fundamental.” (SOLÉ, p.35). Espera-se que no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance. Rer o texto. Perguntar ao professor a partir da própria ou a outra pessoa mais capacitada, esperando que tenham preferências na leitura e exprimir opiniões próprias sobre o que leram.

Um objetivo importante nesse período de escolaridade é que aprendam progressivamente a utilizar a leitura com fins de informações e aprendizagem, já que a linguagem oral e escrita se encontra presentes nas diferentes atividades próprias das áreas que constituem o currículo escolar.

Diversidade textual x produção escrita

Vivenciar a prática da escrita é fundamental para que haja

desenvolvimento com criatividade e desenvoltura da produção de textos, já que só se aprende a escrever escrevendo e, tendo domínio do assunto a ser escrito, fator esse sustentado pela leitura e pelo conhecimento prévio. Oportunizar a forma de leitores x escritores requer diversidade de contatos com o texto escrito, de exercício da prática da construção de texto, atividades relacionadas à realidade, à ficção e a descrição de passeios, visitas, relatórios do cotidiano.

A questão do desenvolvimento da leitura e da escrita na escola não restringe simplesmente a técnicas e atividades, mas a uma postura que a própria escola deve ter e proporcionar condições efetivas para a prática da leitura e da escrita seja priorizada desde as séries iniciais, enfatizando a importância destas na construção do conhecimento e o acesso às informações do mundo em que vivemos. Como Garcia (1992, p.36) afirma: “Lê-se na escola para buscar informações, para ampliar a visão do mundo, para produzir outros textos e para recrear”.

Tomar ciência da sua responsabilidade na vida do aluno é imprescindível à escola, já que esta é a instituição destinada a promover de

Artigo/Article

forma sistemática, o acesso aos bens culturais registrados nos textos.

Ler se aprende lendo, e neste sentido, não dá pra ficar omissos, ou os alunos lêem com os professores ou dificilmente lerão fora da escola. Daí a responsabilidade dos professores garantirem a presença do texto nos bancos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita requer prioridade e posição definida da escola a respeito da importância que a leitura e a escrita possuem no decorrer da vida escolar e futura do aluno como cidadão atuante no meio social em que vive.

A leitura é um dos principais suportes para que haja a produção do texto escrito, ela oferece os elementos discursivos essenciais à construção de um texto coeso, coerente, criativo além de novos signos lingüísticos desconhecidos do leitor, ou seja, novos vocábulos que irão enriquecer e fazer parte da sua vida, tanto na linguagem oral como escrita.

Por em prática novas teorias a respeito da importância da leitura na formação do sujeito, é tarefa de todos

educadores, não somente os da área de Língua Portuguesa e Literatura. A esses cabem um comprometimento específico com o objetivo de formar leitores e escritores competentes; aos outros, agirem como coadjuvantes nesse processo, já que a língua escrita e oral é utilizada e extremamente essencial em todas as áreas do conhecimento.

Leitura, escrita são ingredientes básicos para a formação de escritores, somando-se a isso a postura do professor e escola que precisam priorizar a leitura e a escrita, dando oportunidade aos alunos de ler, escrever e reescrever, alicerçados sob discussões, debates na própria escola, onde ele possa posicionar-se diante dos mais diversos assuntos de forma crítica e responsável, já que o conhecimento dos livros irá auxiliá-lo no conhecimento do mundo, assim como a sua leitura do mundo irá ajudá-lo a compreender os livros, favorecendo sua compreensão e posição crítica como cidadão.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras & bobiees. São Paulo: Scipione, 1989.

Artigo/Article

2. CAGLIARI, L.C. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Scipione, 1989.
3. CALKINS, L.M. A arte de ensinar a escrever. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
4. CHAPINI, L. Org. Aprender e Ensinar com textos de Alunos. São Paulo: Cortez, 1997.
5. CUNHA, M,A,A. Literatura Infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1989.
6. FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
7. FREIRE, P. Educação e Mudança. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
8. GARCIA, E,G. A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura.São Paulo: Loyola 1992.
9. GERALDI, J,W. (Org). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.
10. LAJOLO, M. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994.
11. MAGNANI, M,R,M. Leitura, literatura e escola: A formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
12. ZIBERMAN, R. A leitura e o Ensino da Literatura. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
13. SILVA, R,E,TS. Leitura Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995.
14. TEBEROSKY, A. Aprendendo a escrever. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.